



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

As faces privadas e públicas das arquiteturas modernas de Salvador

Private and public facets of Salvador's modern architecture

Las facetas privadas y públicas de las arquitecturas modernas de Salvador

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza (1)

(1) Professora Doutora, Universidade Federal da Bahia, PPGAU, Salvador, Bahia, Brasil; linabiba@yahoo.com



As faces privadas e públicas das arquiteturas modernas de Salvador

Private and public spheres of Salvador's modern architecture

Las esferas privadas y públicas de las arquitecturas modernas de Salvador

RESUMO

O presente artigo explora as relações entre as esferas privadas e as públicas das arquiteturas modernas de Salvador. Trata-se de examinar com atenção aquele uso que é o mais comum, que se faz mais presente nas relações cotidianas das pessoas, mas que é simultaneamente aquele que permite as conformações arquitetônicas mais inusitadas: a habitação. Nesse sentido, serão examinadas as estruturações dos usos, as definições dos espaços internos e externos, os espaços de transição entre as esferas públicas e privadas e as relações com os espaços urbanos preexistentes das habitações modernas de Salvador. Deve-se identificar quais são as suas características públicas e privadas. Existe uma correspondência direta entre o que está dentro da habitação e aquilo que está acontecendo fora, no contexto imediato e na cidade? De que modo as habitações dos soteropolitanos apontam seus relacionamentos com o processo de modernização e com a modernidade soteropolitanos?

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna, dimensões públicas e privadas, modernidade e modernização

ABSTRACT

This article presents the relationship between private and public spheres of modern architectures in Salvador. It follows the most common use, which is also the one that allows the most unusual architectural solutions: housing. In this sense, the article will analyze the structuring of the uses, the definition of the internal and external spaces, the transitional spaces between public and private spheres and the relationships with the existing urban spaces of these modern buildings in Salvador. It's the aim of the article to identify what are their public and private characteristics. Is there a direct correspondence between what is inside the apartment building and what is outside, in the immediate context of the city? How these buildings point out their relationships with local modernity and the process of modernization?

KEY-WORDS: modern architecture, public and private dimensions, modernity and modernization

RESUMEN:

Este artículo hace un análisis de la relación entre las esferas públicas y privadas de las arquitecturas modernas Salvador. Se trata de hacer un examen detenido del uso que es el más común, que está más presente en las relaciones cotidianas de la gente, pero que es a la vez uno que permite las conformaciones arquitectónicas más singulares: las viviendas. En este sentido, examinará la estructuración de los usos, las definiciones de los espacios interiores y exteriores, los espacios de transición y las relaciones con los espacios urbanos existentes de los edificios de vivienda modernos de Salvador. Se trata de identificar cuáles son sus características públicas y privadas. Existe una correspondencia directa entre lo que está dentro de la vivienda y lo que está sucediendo afuera, en el contexto inmediato y en la ciudad? ¿Cómo los edificios de vivienda de los soteropolitanos se conectan con el proceso de modernización y modernidad con soteropolitanos?

PALABRAS-CLAVE: arquitectura moderna, dimensiones públicas y privadas, modernidad y modernización

O presente artigo pretende explorar as relações entre as esferas privadas e as públicas das arquiteturas modernas de Salvador. A intenção é partir de uma análise das características dessas arquiteturas, entendidas como todas as manifestações que se posicionam de um modo mais pronunciado frente à modernização e à modernidade. Trata-se de examinar com atenção aquele uso que é o mais comum, que se faz mais presente nas relações cotidianas das pessoas, mas que é simultaneamente aquele que permite as conformações arquitetônicas mais inusitadas: a habitação. Nesse sentido, serão examinadas as estruturações dos usos, as definições dos espaços internos e externos e as relações com os espaços urbanos preexistentes das habitações modernas de Salvador. Deve-se identificar quais são as suas características privadas e públicas. Existe uma correspondência direta entre o que está dentro da habitação e aquilo que está acontecendo fora, no contexto imediato e na cidade? De que modo as habitações dos soteropolitanos apontam seus relacionamentos com a modernidade e com o processo de modernização soteropolitano? Há que se afirmar que tal processo acontece de um modo muito parcial no princípio do século XX e que somente a partir de meados do referido século a cidade efetivamente passa a contar com um maior crescimento populacional, uma urbanização mais acelerada, com uma indústria mais potente e com um Estado mais atuante na promoção da modernização.

Para que se possam explorar essas dimensões privadas e públicas das arquiteturas residenciais tomam-se exemplares existentes na cidade durante o século XX, considerando tanto edifícios que já são reconhecidos pelos críticos assim como outros desconhecidos. A análise se deterá nas características dos edifícios residenciais de Salvador, um tipo de solução arquitetônica que se conforma durante o período de modernização da cidade. Para tanto serão analisados uma série de edifícios construídos em Salvador desde o final dos anos 30 até o final dos anos 70 do século XX: Edifício Dourado (projeto do arquiteto Arézio Fonseca, 1935-1938 – Rua Euclides da Cunha, 476 – Graça); Edifício Lamarque (projeto do construtor Jayme Cerqueira de Lima, 1937 – Rua Conselheiro Junqueira Ayres, 46 – Barris); Edifício Oceania (projeto dos arquitetos Freire e Sodré, 1937-1939 – Avenida Oceania esquina com rua Almirante Marques de Leão – Barra); Edifício Maíza (projeto do arquiteto Luís Arantes, 1949-1950 – Avenida Sete de Setembro, 1724 – Vitória); Edifício Barão de Itapuã (projeto de Diógenes Rebouças e Bina Fonyat, 1953-1954 – Rua Barão de Itapuã, 74 – Barra); Edifício Mariglória (projeto do arquiteto Antônio Rebouças, 1951-1954 – Rua Padre Feijó – 139, Canela), Comendador Uripia (Diógenes Rebouças, 1955-1957 – Graça) e Edifício Manoel Vitorino (José Bina Fonyat, 1958-1959 – Av. Sete de Setembro, 212, Vitória) e Edifício Politeama (projeto de Rafael Grimaldi, Rua Politeama de Baixo, 69, Campo Grande).

Os edifícios de apartamento aparecem em Salvador em meados dos anos 30. Consta que um dos primeiros é o Edifício Dourado, construído inicialmente para ser residência de apenas uma família¹ Esse tipo de edifício começa a se espalhar por Salvador nas décadas seguintes, com prédios para múltiplas famílias. É o caso dos edifícios Oceania e Maíza, sendo que o último é construído por Walke Correia de Araújo no terreno de sua antiga residência, possuindo apartamento para sua família (um duplex na cobertura) e os demais para locação.²

¹ Vide: (Primeiro edifício da Bahia, 2001: s/p).

² Vide: (AUTRAN; ALOÍSIO, s/d, s/p) (LIMA; FERNANDES, 1996, s/p), (FORTUNA; MURICI, 2001, s/p)

Os edifícios Dourado, Lamarque e Maíza são os primeiros prédios de apartamento construídos nas suas ruas. No caso do edifício Oceania, já existia ao menos o edifício Barralândia no seu entorno. Consta que tais edifícios causam certo estranhamento por parte dos soteropolitanos tanto pelas suas inusitadas aparências quanto pelo fato de proporem formas compartilhadas de vida inusitadas. Com a introdução dos prédios de apartamentos instalam-se novas relações entre os moradores e entre esses e seus empregados. Segundo o historiador Cid Teixeira, “as pessoas se perguntavam como era possível morar tanta gente junta e, ao mesmo tempo, manter a individualidade de cada um.” (TEIXEIRA, C, apud. “Primeiro Edifício da Bahia”, 2001: 4). Esse dilema tem que ser enfrentado por essas novas soluções arquitetônicas residenciais.

Os edifícios Dourado e Oceania possuem implantações mais tradicionais, uma vez que no primeiro sua fachada frontal está encostada na testada dianteira do lote e as demais estão recuadas dos seus limites, e no segundo todas as fachadas alcançam os limites do lote. O edifício Lamarque mantém a solução do primeiro, mas insere um pequeno recuo frontal. O edifício Maíza está completamente solto no lote, com uma implantação similar às residências do seu entorno.

Internamente tais edifícios não apresentam características muito inovadoras. Tal como salienta Anete Araújo (ARAÚJO, 2004), na maior parte desses primeiros edifícios residenciais soteropolitanos desses anos, as conformações espaciais internas seguem os padrões das soluções das casas tradicionais. Nos edifícios Dourado, Lamarque e Maíza³ os apartamentos apresentam soluções espaciais compartimentadas, desarticuladas e setorizadas. Especialmente nos edifícios Dourado e Maíza, destinados aos soteropolitanos de alta renda, nota-se a existência de compartimentações variadas. No primeiro caso há um vestíbulo antes da sala de estar/jantar. No segundo a sala de estar está separada da sala de jantar e a copa separada da cozinha. Nesses dois edifícios existe uma clara setorização. Os setores de serviço aparecem demarcados, independentes dos setores sociais e íntimos. Apenas no edifício Lamarque, proposto para uma faixa de renda mais baixa, a setorização não é tão claramente definida. Nos edifícios Dourado e Maíza há entradas independentes para os setores de serviço e social/íntimo, possibilitando a manutenção da intimidade dos moradores e a autonomia dos empregados. No edifício Lamarque há apenas uma entrada comum. A setorização e a distinção das entradas entre os setores conformam uma primeira distinção entre espaços mais privados e espaços mais públicos e possibilitam que se mantenha a separação dos moradores e empregados existentes nas casas tradicionais soteropolitanas. No edifício Oceania os funcionários do prédio são deslocados para a sua cobertura.

Nos três edifícios examinados as soluções das plantas não são padronizadas. Os edifícios Dourado apresenta três plantas básicas que passam por variações e os edifícios Lamarque e Maíza possuem duas plantas tipo diferentes. Nos três edifícios examinados não há uma atenção à racionalização das plantas, as distribuições dos cômodos e das circulações são confusas.

Parte dos cômodos existentes nas residências da época são transferidos para os prédios de apartamentos, mas também aparecem novos usos. No edifício Oceania inserem-se áreas de lazer que ocupam os primeiros andares da edificação. Nos edifícios Dourado e Maíza há a introdução vagas de garagem e de salões de festas para uso dos condôminos, criando espaços de utilização de todos os moradores. Chama a

³ Não foram encontradas as plantas dos apartamentos do Edifício Oceania.

atenção, entretanto, a persistência de um uso característico de casas, como no caso do galinheiro situado ao fundo do Edifício Maíza.⁴

Internamente os edifícios apresentam em algumas circunstâncias armários fixos, tanto nos dormitórios quanto nas cozinhas e sanitários. Mas os apartamentos ainda são ocupados com mobílias tradicionais.⁵ Também se pode observar que há um especial cuidado com as áreas comuns de acesso aos apartamentos que são usualmente decoradas com mármore e granitos de diferentes cores e gradis com diferentes formatos.

Externamente esses edifícios assumem inicialmente uma linguagem arquitetônica mais abstrata, principalmente com a utilização do repertório *Art Déco*. Nota-se que possuem volumetrias regulares e compactas (Oceania e Maíza) e volumetrias mais irregulares e descompactadas (Dourado e Lamarque). Mas em todos os volumes são mais encerrados do que abertos e estão firmemente assentados nos seus terrenos, sendo que os primeiros pavimentos são ocupados com apartamentos, com exceção do Oceania. (Figura 1)⁶

Figura 1: Edifício Oceania



Fonte: Acervo Ary Penna Costa – 1965

Das volumetrias principais se destacam nos edifícios volumes secundários que conformam varandas frontais, laterais e posteriores que são normalmente estreitas (Figura 2), excetuando aquela situada na parte dianteira do Edifício Maíza (Figura 3). Tais varandas apresentam arremates retos ou curvos e em determinadas circunstâncias possuem parapeitos com terminações sinuosas. Conformam-se mais como postos de observação do que como locais apropriados para a permanência dos moradores.

Nesses edifícios as aberturas ainda são comedidas (Dourado, Maíza e Lamarque), ou já mais pronunciadas (Oceania), por vezes delimitadas em ocasiões por mecanismos de

⁴ Informação disponível em trabalhos de alunos realizados na FAUFBA com dados incompletos e disponíveis no Arquivo do DOCOMOMO-BAHIA

⁵ Não há muitas indicações quanto ao mobiliário desses edifícios, mas há, por exemplo, referências ao Edifício Bráulio Xavier, projeto de Hélio Duarte de 1941, que os adota tradicionais. Vide: (CARICCHIO, 1946: s/p)

⁶ Agradeço ao arquiteto Ary Penna Costa, falecido em 2014, pela concessão da imagem ao Núcleo DOCOMOMO-BAHIA

proteção, como no caso do edifício Dourado. Essas aberturas não são padronizadas e possuem características e tamanhos diferenciados.

Figura 2: Edifício Lamarque



Fonte: DOCOMOMO-BAHIA, 2013

Figura 3: Edifício Maíza



Fonte – DOCOMOMO-BAHIA, 2001

Certos elementos também despontam nas fachadas desses edifícios, como os frisos e arremates escalonados nos edifícios Lamarque e Dourado (Figura 4), com detalhes ornamentais presentes no último caso. Outros elementos marcantes nas fachadas são janelas em escotilha (edifícios Oceania e Maíza), janelas de canto (extraída no edifício Lamarque atualmente) e guarda-corpos em tubos metálicos. Nota-se também a persistência da ideia de composição arquitetônica, principalmente nas fachadas principais dos edifícios, com conformações simétricas nos edifícios Lamarque e Dourado e assimétricas nos edifícios Oceania e Maíza.

Figura 4: Edifício Dourado



Fonte – Arquivo DOCOMOMO-BAHIA - 2008

Nos quatro edifícios conformam-se espaços de transição entre os seus interiores e exteriores que se dão a partir da introdução de escadas de acessos, tanto as principais quanto as secundárias. As primeiras aparecem posicionadas nos centros dos edifícios, demarcadas por marquises ou volumes destacados. As segundas surgem no edifício Dourado destacadas dos corpos principais do edifício, conformando acessos independentes ao setor de serviço. No Edifício Oceania o acesso à parte residencial do edifício acontece a partir de pequenas portas localizadas nas suas laterais, sem o menor destaque. Em todos os casos esses acessos se apresentam como elementos pontuais que possibilitam o acesso às edificações, delimitando de um modo mais preciso os pontos de conexão entre os seus espaços interiores e exteriores.

Durante a década de 50 do século XX consolidam-se as soluções dos edifícios residenciais para múltiplas famílias, como nos casos dos edifícios Barão de Itapuã, Mariglória, Comendador Urpia, Manoel Vitorino e Edifício Politeama. Excetuando os dois primeiros edifícios, todos os demais têm recuos em todos os lados dos seus lotes e tiram partido da declividade dos terrenos para inserção de elementos do programa. Segundo os arquitetos do Edifício Barão de Itapuã, a sua implantação nos limites do lote parte da intenção de ocupar o máximo de área dentro, realizando uma “arquitetura de metro quadrado”.⁷ Mas de um modo geral as implantações tendem a dispor os edifícios soltos nos lotes, fato que terá impacto no destaque das soluções volumétricas.

Embora perdurem compartimentações internas, certos cômodos praticamente desaparecem, como nos casos dos vestíbulos de entrada. Outros aparecem mais conectados, como as salas de estar/jantar e as cozinhas/copas integradas. Mas perdura a mesma setorização dos edifícios dos anos 30 e 40. Tanto nos edifícios de alta renda como no edifício Politeama, destinado a famílias de renda mais baixa, há setores claramente determinados. Mas nos primeiros se separam os acessos sociais e de serviços, enquanto no segundo há um acesso único. Mantém-se assim a mesma separação entre moradores e empregados anterior.

Mas as soluções das plantas passam a responder a critérios mais funcionais, mais “límpidos”.⁸ Os cômodos estão mais bem articulados e as circulações são mais claras e diretas, com exceção daquelas do edifício Barão de Ipanema. Há uma repetição de soluções de plantas similares pelos andares, com algumas variações com inserções e diminuições de quartos, como nos casos dos edifícios Manoel Vitorino e Politeama, respectivamente. Nota-se uma maior sistematização da organização dos espaços a partir de modulações que seguem as tramas estruturais. Mas perdura a setorização dos edifícios, com espaços sociais, íntimos e de serviços definidos. Também se mantém o acesso diferenciado para moradores e empregados, excetuando o caso do edifício Politeama, com uma entrada única para ambos.

Certos usos que aparecem nos apartamentos dos anos 30 e 40 tornam-se mais freqüentes posteriormente. Ampliam-se as vagas para os veículos, que passam a ocupar áreas maiores e mais visíveis nos edifícios. Também começam a se tornar mais constantes as áreas de portaria, que por vezes se transformam em áreas de integração social entre os moradores, como acontece nos edifícios Barão de Itapuã, Mariglória (atualmente essa área é uma garagem), Comendador Urpia, Manoel Vitorino e Edifício Politeama. Nesses espaços são inseridos painéis e esculturas com obras de artistas. Artistas como Carybé, Mário Cravo e Genaro Carvalho

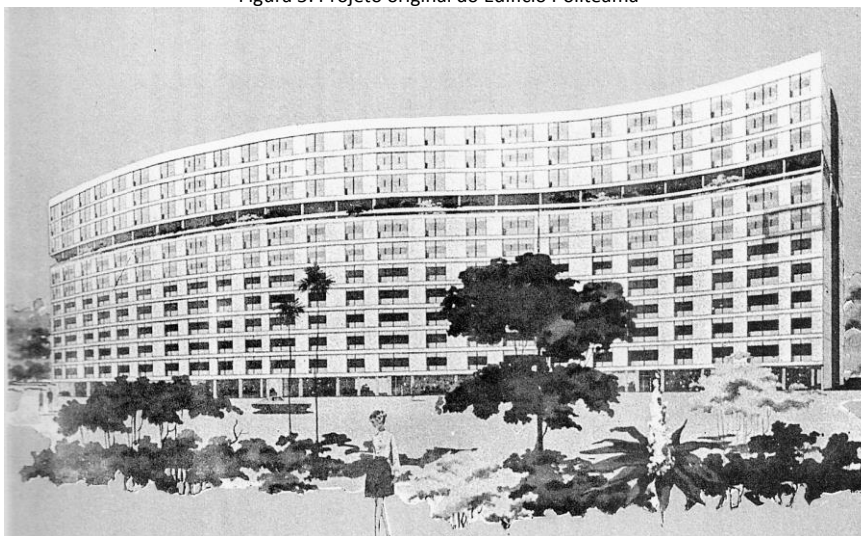
⁷ (NOVA;MOTA, s/d: s/p)

⁸ Vide:(Edifício de Apartamentos, 1955: s/p)

marcam presença nesses locais, dotando-lhes de um caráter social. Também chama atenção a tentativa de criar áreas de uso comum na cobertura, como no edifício Mariglória.

As volumetrias externas são elementos marcantes nesses edifícios. Embora alguns não apresentem de fato volumes claramente definidos (como nos edifícios Barão de Itapuã e Mariglória), aparentam tê-los desde as suas fachadas principais. Destaca-se a solução do edifício Politeama, que conforma um bloco laminar sinuoso que de acordo com o projeto original deveria estar completamente destacado do solo. Outro elemento característico é elevação dos edifícios sobre pilotis, conformando áreas vazadas nos pavimentos térreos dos edifícios. É a solução presente em todos os edifícios, com exceção do Politeama, embora essa também fosse a sua proposta inicial, criando uma ampla integração entre o edifício e seu entorno.⁹ (Figura 5) Essa situação de elevação dos pavimentos térreos cria amplos espaços vazados com pilotis de diferentes conformações. Também no edifício Politeama o volume da edificação é recortado, mas em um piso intermediário, criando uma faixa vazia destinada inicialmente a usos coletivos, mas que hoje já está parcialmente ocupada (Figura 6). Nota-se que nos edifícios realizados a partir dos anos 40 os pavimentos térreos já não são mais ocupados com apartamentos, mas passam a ter usos diferentes, como garagens ou áreas de convívio. Esses edifícios apresentam soluções volumétricas que contrastam nitidamente com os seus entornos.

Figura 5: Projeto original do Edifício Politeama



Fonte – Panfleto Publicitário da Nebra Imobiliária. Arquivo DOCOMOMO-BAHIA

⁹ Vide: (FILHO; LACERDA, s/p, s/d)

Figura 6: Edifício Politeama



Fonte: Arquivo DOCOMOMO-BAHIA

Não há muitos volumes secundários destacados daqueles principais. Chama atenção a situação do edifício Mariglória, que incorpora dois blocos cônicos que se articulam com o seu corpo principal. No projeto original desse edifício aparecem outros volumes abobadados destacados no térreo e na cobertura que não chegaram a ser construídos.¹⁰ Outros elementos que se destacam são algumas marquises que criam conexões entre os espaços externos e internos dos edifícios, como acontece no Mariglória e no Comendador Urpia, ou passarelas de conexão, como no Politeama. Também aparecem espaços intermediários, terraços cobertos, abertos (Politeama) ou parcialmente cerrados (Mariglória e Comendador Urpia).

As fachadas desses edifícios apresentam-se mais como respostas às circunstâncias internas dos apartamentos. Estabelecem-se com elementos que podem ser variáveis, mas que são constantemente repetidos e padronizados. Há uma série de soluções engenhosas de esquadrias e *brises-soleil* nesses prédios. Há fachadas principais e fachadas secundárias, sendo que as últimas praticamente não comportam soluções estéticas. Apenas no caso do edifício Comendador Urpia isso acontece e a fachada posterior também é mais elaborada. (Figuras 7, 8, 9 e 10)

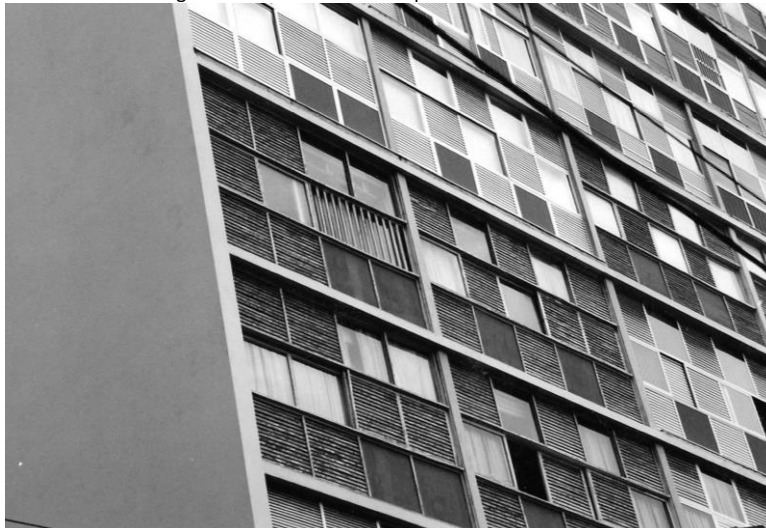
¹⁰ Vide (Edifício de Apartamentos, 1955, s/p)

Figura 7: Edifício. M.Vitorino



Fonte: Arquivo DOCOMOMO-BAHIA

Figura 8: Edifício Barão de Itapuã



Fonte: Cássia Rodrigues. Arquivo DOCOMOMO-BAHIA

FIGURA 9: Edifício Comendador Uripia



Fonte: DOCOMOMO-BAHIA

FIGURA 10: Edifício Mariglória



Fonte: DOCOMOMO-BAHIA

Nesses edifícios conformam-se áreas de transição mais pronunciadas entre os espaços interiores e os exteriores dos edifícios. Um fator importante para que isso aconteça é a elevação de todos os edifícios sobre pilotis, fato que possibilita a conformação de uma área que conecta os espaços interiores e exteriores de uma forma mais intensa. Outro elemento que possibilita uma vinculação maior entre esses âmbitos são as marquises e passarelas que criam elementos de atração dos edifícios com as ruas.

A elevação dos edifícios sobre os solos determina a conformação de múltiplas possibilidades de acessos aos seus interiores, criando um espaço de transição mais pronunciado entre dentro e fora dos edifícios que em diversas ocasiões se demarca com uma pavimentação que se

prolonga das calçadas para dentro dos edifícios. Chama atenção também a inserção de uma forma mais plena dos carros nas edificações, consolidando suas presenças e criando outros espaços intermediários entre os interiores e exteriores dos edifícios.

Para que se possa realizar a análise arquitetônica inicialmente proposta, é necessário que se apontem às condições do processo de modernização e da modernidade soteropolitanas.

Entre o final do século XIX e princípio do século XX Salvador passa por um incipiente processo de modernização. As indústrias começam a aparecer, mas a economia continua fundamentalmente pautada no comércio e na agricultura de exportação, tendo como principais produtos o cacau e o tabaco. A cidade passa por urbanizações pontuais articuladas pelo Prefeito J. J. Seabra, para adaptá-la às suas novas circunstâncias econômicas. Também não acontece um processo de massificação contundente. A população da cidade cresce no século XIX, mas nos primeiros anos do século XX está estancada. A cidade, o Estado e o País também não contam durante essa época com um Estado forte, centralizado e atuante, capaz de articular a gestão da cidade e realizar a construção de equipamentos públicos necessários para os cidadãos.

A modernização de Salvador tem outro impulso durante o período em que Getúlio Vargas está no poder, entre 1937-1945. Durante esse momento o país experimenta um estímulo à industrialização e à urbanização. O Estado nacional articula-se com os governos municipais e estaduais para a promoção de uma política centralizadora que pretende proporcionar uma rede de equipamentos públicos para atender aos cidadãos. A taxa de crescimento populacional começa a aumentar a partir da década de 40, apontando para a formação das massas urbanas. No princípio dos anos 40 é criado o EPUCS (Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador – 1943-1946), que é sucedido pelo CPUCS (Comissão do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador – 1948-1958). Esses planos pretendem superar o caráter pontual dos planos anteriores e estruturar a rede viária a infraestrutura urbana da cidade, mas são apenas parcialmente implementados.¹¹

A partir dos anos 50 do século XX acontecem as instalações de uma série de indústrias em Salvador e na sua área metropolitana. Durante a década de 50 são implantadas a Petrobrás e a CHESF; nos anos 60 o Centro Industrial do Aratu (CIA); nos anos 70 o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPAC). Esses processos são acompanhados pela inserção de infraestrutura (rodovias, aeroportos, hidrelétricas) e por equipamentos urbanos. Durante a segunda metade do século XX é notória a presença de um Estado centralizador e atuante, que tem seus momentos mais marcantes na época de Juscelino Kubitschek (1955-1961) e dos governos militares, com suas políticas desenvolvimentistas.

Essa cidade que passa por um processo de modernização que se estende desde o final do século XIX até o final do século XX também experimenta a modernidade. Essa é entendida como

“referência a uma condição de vida imposta sobre os indivíduos pelo processo socioeconômico da modernização. A experiência da modernidade envolve a ruptura com a tradição e tem um profundo impacto nas condições de vida e nos hábitos cotidianos. Os efeitos dessa ruptura são múltiplos”. (HEYNEN, 1993: 3)

Acredita-se que os edifícios residenciais soteropolitanos mencionados respondem às circunstâncias tanto da modernização quanto da modernidade locais. Mas há diferenciações

¹¹ Essas informações constam em: (BIERRENBACH, apud LINS; SANTANA, 2012) e (HEROLD, s/d: s/p)

entre as respostas dadas nas suas circunstâncias privadas e públicas. Enquanto suas faces privadas se mantêm mais tempo atreladas às dinâmicas tradicionais, suas faces públicas passam a se relacionar de um modo mais rápido e pronunciado com modernidade e com a modernização. Entretanto, há algumas alterações com relações aos edifícios construídos entre os anos 30 e 40 e aqueles posteriores.

Durante o século XX acontecem na cidade algumas mudanças na conformação interna dos apartamentos com a eliminação de determinados cômodos e a conexão entre outros. Mas nota-se que a setorização perdura nos apartamentos, com a separação de espaços destinados a moradores e empregados, fato que ocorre até a atualidade. A ideia de otimização dos espaços e da sua organização para melhor apropriação pelos moradores é difundida pelas experiências residenciais da arquitetura moderna internacional. Essa otimização pretende tornar a vida doméstica menos complexa, mais autônoma e deixar os moradores mais liberados para cuidarem dos seus corpos e mentes. A integração dos espaços internos dos domicílios por sua vez pretende estimular novas relações familiares. Nota-se que as soluções arquitetônicas dos apartamentos soteropolitanos não se adaptam plenamente a essas transformações, o que demonstra as limitações das transformações sociais na cidade.

Durante os anos 30 os edifícios não partem de uma lógica de racionalização dos espaços e de padronização das suas plantas e demais elementos construtivos. A partir dos anos 40 essas lógicas passam a existir e vão predominar nas concepções das edificações dos anos posteriores. Pode-se dizer que essa alteração está conectada de um modo direto com as transformações nas escalas de industrialização da cidade e no seu próprio processo de crescimento demográfico, com as crescentes demandas existentes.

Enquanto predominam no interior dos edifícios dos anos 30 uma estruturação interna que os conecta com os modos de vida mais tradicionais, externamente essas edificações assinalam outras circunstâncias. Tanto as volumetrias quanto as superfícies e tratamentos ornamentais se apresentam relacionados com um estilo que representa a modernidade, que é o *art déco*. Esses edifícios representam a modernidade com seus volumes puros ou articulados, com seus planos e suas linhas destacados, com suas referências a elementos emblemáticos da época como navios, aviões e automóveis. Mas não apresentam de uma forma direta a racionalidade, a padronização e a repetição característicos da modernização.

Apesar dos edifícios realizados a partir dos anos 40 manterem certas soluções internas que os relacionam com modos de vida tradicionais, começam a ocorrer transformações que os conectam mais com o processo de modernização local. Acontece a introdução da racionalização e padronização das suas soluções arquitetônicas. Externamente as suas volumetrias se tornam ainda mais puras, com a introdução de certos volumes destacados em algumas circunstâncias. As superfícies passam a ser mais abertas e a utilizarem uma maior sistematização dos seus elementos como a repetição de vãos, esquadrias e venezianas similares, que respondem às questões técnicas, mas também às disposições plásticas. Desta forma, suas facetas externas, mais do que as internas, não apenas representam os elementos característicos da modernidade, mas também incorporam as lógicas da modernização.

Nos espaços de transição dos edifícios aparecem soluções arquitetônicas que assinalam de um modo claro os conflitos da modernidade. Nesse sentido há um reposicionamento dos espaços de contato entre os próprios moradores e seus convidados externos. Já nos anos 30 aparecem usos além daqueles estritamente residenciais e que são mais coletivos, como no caso dos salões de festas e das garagens. Mas durante essa época esses espaços são mais delimitados e

situam-se em pontos mais recuados dos edifícios. A partir dos anos 40 esses usos passam a se posicionar em pontos mais destacados, mas conectados com os espaços externos das edificações, constantemente nos vãos criados nos níveis térreos. Essa situação é possibilitada pela própria desmaterialização dos volumes, com suas constantes elevações sobre pilotis. Aparecem também elementos como as marquises e passarelas que são pontos de atração nos edifícios, estabelecendo uma maior conexão entre seus espaços internos e externos. Deste modo, conformam-se soluções arquitetônicas que procuram oferecer uma solução mais apropriada para os contatos entre as dimensões privadas e públicas dos edifícios.

As implantações dos edifícios analisados rompem apenas parcialmente com as soluções precedentes, uma vez que nos contextos analisados parte das edificações já se apresenta solta nos lotes. Mas mesmo assim, seus impactos nas suas vizinhanças são enormes, com a inserção de edifícios altos e baixos, com volumes puros ou articulados, com a presença de uma série de elementos inusitados. Uma das maiores mudanças nesses edifícios são as conformações desses espaços de transição nos seus vãos inferiores, que cria uma solução possível para a superação dos dilemas entre os contatos entre as dimensões privadas e públicas dos moradores. Se nos espaços estritamente privados perduram de forma mais intensa estruturas sociais e espaciais mais tradicionais, nos espaços mais públicos há maiores possibilidades de alterações nessas estruturas sociais e espaciais.

A historiadora Beatriz Colomina trata dessas relações entre as esferas públicas e privadas no seu livro *Privacy and Publicity – modern Architecture and Mass Media*. Acredita-se que certas questões que a autora pontua sobre as arquiteturas de Adolf Loos possam ser exploradas para o entendimento das circunstâncias locais. Colomina comenta que o arquiteto detecta as tensões entre as facetas privadas e públicas da arquitetura inserida em uma metrópole como Viena. Ela afirma que a faceta pública é uma máscara que revela a esquizofrenia da vida metropolitana:

“o interior não tem nada a dizer para o exterior porque nosso ser íntimo se separou do nosso ser social. Nós estamos divididos entre o que falamos e o que somos.”(COLOMINA, 1996: 33)

Pode-se concluir assinalando que as soluções dos edifícios residenciais soteropolitanos também mostram as esquizofrenias do processo de modernização e da modernidade locais. Embora nas suas facetas públicas demonstrem relações mais diretas com a modernidade e mais tardiamente com a modernização, suas facetas privadas são bem mais reacionárias, atrelando-se de modo parcial com a modernidade e mais lentamente com o processo de modernização soteropolitano.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Anete. Espaço privado moderno e relações de gênero em Salvador 1930-1949. Salvador, PPGAU-UFBA, 2003.
- AUTRAN; ALOÍSIO. Edifício Maíza. Trabalho realizado para a disciplina Arquitetura no Brasil Professor Chico Senna. Salvador, FAUFBA, s/d, s/p.
- BIERRENBACH, A. C. S. Verbetes sobre Arquitetura Moderna. In: LINS, Eugênio; SANTANA, Mariely. (Org.). *Salvador e Baía de Todos os Santos*. Sevilha: Consejería de Obras Publicas y Vivienda, 2012, v. 1, p. 1-712.
- CARICCHIO, Enrani. *Cia. Brasileira Imobiliária de Construções S.A., Bahia*. Salvador: Imprensa Vitória, 1946.
- COLOMINA, Beatriz. **Privacy and publicity: modern architecture as mass media**. Londres: MIT Press, 1994
- DOCOMOMO BAHIA. *Guia 1 da Arquitetura Moderna em Salvador. Anos 30/60*. Disponível em: <http://www.docomomobahia.org>. Acesso em abril de 2011.
- Edifício de Apartamentos. *Revista Arquitetura e Engenharia*, n.36, pp.28-29. Julho/agosto de 1955.
- FILHO, Rômulo; LACERDA, Iury. Conjunto residencial Politeama. Trabalho realizado para a disciplina Arquitetura no Brasil. Professora Anna Beatriz Galvão, FAUFBA, s/d, s/p.
- FORTUNA, Danilo; MURICI, Paula. Edifício Maíza. Trabalho realizado para a disciplina Arquitetura no Brasil. Professora Anna Beatriz Galvão, FAUFBA, 2001, s/p.
- HEROLD, Marc. Entre o açúcar e o petróleo: Bahia e Salvador, 1920-1960. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/042/42cherold.htm#_ftn2
- HEYNEN, Hide. *Architecture and modernity – a critique*. Londres/Cambridge: MIT Press, 1999.
- LIMA, Itana; FERNANDES, Helke. Edifício Maíza. Trabalho realizado para a disciplina Arquitetura no Brasil. Professora Anna Beatriz Galvão, FAUFBA, s/d, s/p.
- “Primeiro edifício da Bahia – prédio construído pela família Dourado inaugurou um novo estilo arquitetônico na capital”. In: *Correio da Bahia*, 29/04/2001.
- NOVA, Ubiratan; MOTA, Hugo. Barão de Itapuã. Trabalho realizado para a disciplina Arquitetura no Brasil. Professoras Anna Beatriz Galvão e Naia Alban. Salvador, FAUFBA, s/d, s/p.